

C est très chic! : Os periódicos cariocas e a consolidação da ordem republicana

Adriano Toledo Paiva
Mestrando da UFMG
adrianohis@yahoo.com.br

Fabiana Francisca Macena
Graduanda em História pela UFV
biamacena@yahoo.com.br

Resumo

Este artigo tem como objetivo estudar, por meio dos periódicos do início do século XX, a sociedade fluminense e sua reestruturação após a instalação da ordem republicana. Desta maneira, analisaremos a construção de papéis sociais para os cidadãos da República, tendo como referencial analítico os processos de modernização e civilização dos costumes transcorridos na capital. Neste empreendimento utilizaram-se ideais das nações européias. Os brasileiros pautariam seus modos de viver ao modelo francês. Os homens e mulheres deveriam manter o corpo e mente sãos: os primeiros responsáveis pela gestão das atividades produtivas no mercado de trabalho e as segundas concernidas ao espaço doméstico, vinculadas aos ditames da moda. Estes aspectos configuraram maneiras de viver e sentir de uma coletividade, tornando popular a expressão *C est très chic!*

Palavras-chave

República brasileira; modernidade; gênero.

Resumé

Cet article a pour but étudier, à travers des magazines du début du XX^{ème} siècle, la société fluminense et ses alternances après l'installation de l'ordre de la république. De cette façon, on analysera la construction de rôles sociaux pour les citoyens de la république ayant pour référence analytique les processus de la modernisation et de la civilisation des mœurs puccédés dans la capitale. Dans ce processus on a utilisé des idées des nations européennes. Les brésiliens ont basé as façon de vivre sur le modèle français. Les hommes et les femmes devraient conserver *o corpo e a mente sãos* : les hommes étaient responsables par les activités productives dans le marché et les femmes s occupaient

Des mots clés

République brésilienne; modernité; genre.

1. Introdução

A historiografia relativa às primeiras décadas do regime republicano no Brasil destaca transformações consideráveis em diversos âmbitos da sociedade, ocasionadas, em grande parte, pelo desejo de parte das elites em adequar o país à concepção de modernidade em voga na Europa e Estados Unidos.¹ Este processo aconteceu de modo muito acelerado, causando impactos distintos, de acordo com a realidade histórica na qual transcorreram. Contudo, de um modo geral,

Estimuladas, sobretudo por um novo dinamismo no contexto da economia internacional, essas mudanças irão afetar desde a ordem e as hierarquias sociais até as noções de tempo e espaço das pessoas, seus modos de perceber os objetos ao seu redor, de reagir aos estímulos luminosos, a maneira de organizar suas afeições e de sentir a proximidade ou alheamento de outros seres humanos.²

Todavia, os esforços dos agentes políticos e administrativos da jovem República brasileira revelavam uma grande contradição. Afinal, os regimes republicanos existentes na Europa e América se caracterizavam, em geral, por promover a participação popular, enquanto no Brasil, desde sua implantação, o novo regime excluía o povo das decisões.³ No plano discursivo, porém, tal contradição era obscurecida, pois, como destaca Maria Ercília do Nascimento, o 15 de Novembro era apresentado como marco divisor entre duas épocas:

livrar-se das heranças deixadas pela Colônia e pelo Império, que na perspectiva dos novos setores republicanos se constituíam nos verdadeiros empecilhos para que o país alcançasse níveis razoáveis de progresso, importava à entrada do século XX ações efetivas que permitissem ao Brasil figurar - em condições de igualdade econômicas e culturais - às nações mais avançadas da Europa.⁴

A comparação com o período colonial e monárquico cumpria a função de ressaltar uma suposta ruptura na vida política brasileira, da qual o regime republicano sobressairia como aquele destinado a conceder ao povo brasileiro a cidadania até então negada. Sem dúvida alguma, o Rio de Janeiro, por ser a capital da República, e São Paulo, local onde residia grande parte da elite cafeeira, foram os locais escolhidos para a concretização do projeto modernizador da elite que ascendia ao poder político.⁵ Os higienistas foram os primeiros a formular discursos articulados sobre as condições de ambas as cidades, propondo drásticas intervenções para restaurar o equilíbrio do organismo urbano. Era necessário drenar áreas pantanosas, aterrar baixadas e destruir morros, construir cemitérios, configurar as redes fluviais, pluviais e de esgoto para impedir a emanação de miasmas nos ares; destruir cortiços e habitações públicas onde se concentram os pobres.

As habitações coletivas eram incriminadas pelos médicos e sanitaristas, que alegavam serem estes locais ambientes úmidos, fermentadores e putrefatórios, além de contribuírem para a perturbação dos valores morais. Ademais, além das demolições e reconstruções arquitetônicas, um cipoal de leis e posturas procurou coibir ou disciplinar as esferas da existência social, definindo padrões de sociabilidade e organização do espaço.⁶ A remodelagem e valorização do solo urbano empreendida pelo Estado, em proveito da especulação e enriquecimento privados envolveram o conjunto de atores; como os capitais financeiros das obras públicas, firmas de arquitetura, construção, loteamento, fábricas e importadores de materiais e equipamentos.⁷ Independentemente das razões invocadas para a justificação dos atos sanitários, urbanistas e eugênicos, estes discursos portavam ideais e projetos moralizadores e autoritários que disciplinariam os pés-descalços e a arraia miúda.

Margarida de Souza Neves evidencia na República Velha uma lógica paradoxal, relacionando-a, ao mesmo tempo, a dois cenários: o da Capital Federal Rio de Janeiro e o do interior. Tais espaços eram distintos: a Capital Federal assumiu foros de civilidade, à maneira das capitais européias, protótipos de progresso e de civilização, enquanto as vilas e as fazendas eram sertões que se alicerçavam na política dos privilégios; na lógica moral do dom, na inviolabilidade de senhores rurais. Neste viés, a República não havia aportado no interior do Brasil. Euclides da Cunha argumentou que a implantação da República brasileira e da ideologia política do período estava calcada na ordem e no progresso, mas estes ideais seriam tomados por empréstimo de outras nações e não se adequariam à realidade brasileira. O autor de *Os Sertões* constata a grande distância do âmago do país e de seu litoral.⁸

As elites brasileiras daquele período procuravam, portanto, seguir os passos das grandes nações européias, principalmente os da França. Esta preponderância é tão significativa que até mesmo o projeto de reurbanização do Rio de Janeiro foi inspirado na capital francesa e seus *boulevards*. Assim: Conectada diretamente a tudo que acontecia na Capital francesa, Paris torna-se o nosso espelho civilizado e dela serão transportados desde o último grito da moda, até comportamentos considerados *chic* ou *smart*.⁹

Estas maneiras, consideradas ideais para orquestrar a vivência da nação que se estruturava, eram amplamente divulgadas pelos políticos, médicos/sanitaristas e pela imprensa, sob a forma de artigos, propagandas e charges. A análise de distintos periódicos do início do século XX nos fornece subsídios para interpretarmos as modificações da sociedade carioca e a maneira como os discursos sobre os papéis sociais de homens e mulheres se instituíam nessa nova ordem. Portanto, tais veículos geralmente destinados a uma camada restrita da sociedade nos propiciam uma imagem das representações, comportamentos e práticas elaboradas por esses diferentes atores sociais.

Portanto, o objetivo do presente texto é salientar, através da análise das revistas *O Malho*, *Revista Elegâncias* e *Revista da Semana*, como a imprensa do período estabelecia e divulgava certos ideais e concepções de modernidade, condizentes com os debates que ocorriam em diversos setores da sociedade

neste período. Do mesmo modo, pretende-se destacar como estes veículos de comunicação recomendavam e corrigiam comportamentos, além de evidenciar os papéis destinados aos homens e mulheres do início do século XX, de maneira a inseri-los na nova ordem republicana. Além dos textos publicados em tais veículos, a análise incidiu num espaço que os estudiosos da imprensa no Brasil pouco privilegiaram: os anúncios e reclames do comércio. Escolhemos esta seção das revistas exatamente por seu caráter aparentemente descomprometido com as questões políticas, na expectativa de mostrar como o projeto republicano de construção de uma dada cidadania ia muito além dos espaços tradicionais da política.

2. A Saúde da República

Segundo Zygmunt Bauman, ao longo de toda a Era Moderna, a razão legislativa dos filósofos aliou-se às práticas demasiadamente materiais dos Estados. O Estado nasceu como uma força missionária, proselitista, de cruzada, empenhado em submeter às populações dominadas a um exame completo de modo a transformá-las numa sociedade ordeira, afinada com os preceitos da razão. A sociedade racionalmente planejada era *causa finalis* declarada do Estado Moderno. Os Estados procuraram deslegitimar a condição selvagem, inculta da população, ou seja, desmantelavam-se os impedimentos para sua reprodução e auto-equilíbrio. Este projeto era ditado pela suprema e inquestionável autoridade da razão. Os critérios estabelecidos pelos dirigentes políticos dividiam a população em plantas úteis a serem estimuladas e cuidadosamente cultivadas e ervas daninhas a serem removidas e arrancadas.¹⁰ O Estado deveria erradicar um emaranhado de paroquialismos tradicionais a fim de estabelecer uma soberania inconteste. Deste modo, no reino intelectual como no reino político, a ordem deve ser tanto exclusiva quanto abrangente. Instaurar e manter a ordem significava fazer amigos e lutar contra os inimigos; expurgar a ambivalência. Extirpar o ambivalente significava segregar ou deportar os estranhos, sancionar alguns poderes locais e colocar fora da lei aqueles não sancionados, portanto, significava execrar e invalidar o senso comum sejam meras crenças preconceito, superstições ou simples manifestações de ignorância.¹¹

A perspectiva de controlar cientificamente a estirpe humana foi seriamente debatida nos círculos mais esclarecidos e eminentes. Biólogos e médicos estavam, naturalmente, à frente do debate, mas a eles se juntaram pessoas famosas de outras áreas, como psicólogos, políticos. A população deveria ser homogênea; quando existem duas ou mais culturas no mesmo lugar ficarão furiosamente constrangidas ou vão se adular. ¹² Os cientistas trabalhavam para melhoria da condição da Raça humana; visavam construir um mundo melhor, mais limpo e ordenado, mais apropriado ao que se considerava como vida humana adequada. Para Foucault, a medicina é um saber-poder que incide ao mesmo tempo sobre o corpo e a população, sobre os organismos e processos biológicos e que tem efeitos disciplinares e regulamentadores.¹³

Nos periódicos do início do século XX, as propagandas de medicamentos ocupavam um espaço significativo na imprensa, tanto em termos quantitativos como qualitativos, revelando que o combate a certos males tornava-se primordial e uma prática efetiva. Dadas as características dos anúncios veiculados pela imprensa daquele período, que não se limitavam a apresentar a imagem do produto juntamente com um *slogan*, como se tornou comum mais recentemente, vender remédios era, também, uma forma de discutir questões morais e até mesmo políticas, uma vez que a construção de cidadãos fortes e saudáveis era um dos objetivos da jovem República brasileira.

O medicamento que combate o monstro da Sífilis é o Mercodil, depurativo científico composto de mercúrio, arsênio e iodo, que Purifica, fortalece e dá cor. Empregado nos casos de acometimento de sífilis, dores de cabeça, dores nos ossos, feridas, incômodos de senhoras, anemia etc, sua ingestão era realizada pela via oral, endovenosa e intramuscular através de ampolas de vitamina A e B. Outro remédio utilizado para restabelecimento do corpo danificado era o Rum Creosotado de Ernesto de Souza, considerado A vida em vidros curava dos males da bronquite, rouquidão, asma, tuberculose pulmonar. As *Carter's Little Liver Pills*, drágeas norte-americanas, acabavam com erupções na tez e a transformava em fina e acetinada.¹⁴ Estes remédios sobre a forma de pílulas e tônicos tinham como finalidade abrir o apetite e produzir a força muscular.

As cápsulas de Virol continham vitaminas essenciais para o desenvolvimento perfeito da saúde, portanto, se anunciavam como um alimento restaurador dos casos de atrofia, raquitismo, anemia e da tão temida e combatida tuberculose. O anúncio de Luetyl afirma que é o melhor remédio para o tratamento de todas as enfermidades provenientes das impurezas do sangue e da sífilis. Tal preparado era proclamado como um poderoso fortificante que aumentava o peso de um a três quilos, adotado nos hospitais da marinha e exército, único receitado no diagnóstico da sífilis com efeito rápido e inofensivo no organismo. A propaganda ainda é audaciosa ao argumentar que um vidro de Luetyl vale por dez de qualquer outro, e acrescenta: Tomando um vidro de Luetyl, não deverá tomar outro, porque não sentindo melhora alguma, o que sofre não é devido a sífilis ou sangue impuro.¹⁵

Os medicamentos possuíam funções restauradoras dos tecidos corpóreos e depurativas da corrente sanguínea e professavam combater as doenças mais temidas da época. Como exemplo destas misturas dos boticários, temos o Elixir de Inhame que depura, fortalece e engorda e o Fortificante Sanguinol. Nos periódicos argumenta-se que uma colher de Sanguinol fazia mais efeito do que um vidro do melhor tônico, deste modo, deveria ser utilizado pelas mães dos anêmicos, pelas moças pálidas, as crianças raquíticas e escrofulosas, os esgotados, os depauperados, a fim de que obtivessem carnes, saúde, vigor e sangue novo. O preparado também prevenia os pacientes da Tuberculose e tornava as crianças robustas, pois não acometia o estômago e fígado nas estações quentes, como as emulsões de óleo de fígado de bacalhau.¹⁶ As propagandas incidem que as atuações destas misturas químicas recaíam no sistema sanguíneo, promotor da oxigenação e difusor da nutrição para os tecidos no organismo. Um comercial proclamava: Fígado São Saúde Perfeita: O fígado é um regulador da saúde. Os cientistas que configurarão o medicamento explicavam que quando o fígado funcionava normalmente, prevalece a saúde e felicidade, mas se deixarmos entorpecer, a vida torna-se sofrimento constante com os males da Dispepsia, indigestão, biles, prisão de ventre, dor de cabeça e melancolia. Os males do fígado e conseqüentemente do sistema digestivo e circulatório promoviam a falta de energia, perda de memória e abatimento geral. As pílulas do Dr. Carter para o Fígado atuavam sobre esse órgão, corrigindo todos os defeitos de quem as ingerissem.¹⁷

Algumas propagandas têm um cunho pedagógico mais intenso:

Bom dia! Não inveje o homem de perfeita saúde, pois [você] também a pode ter. Como? Usando as melhores pastilhas para a indigestão. As pastilhas do Dr. Richards contém sucos digestivos do estômago na fórmula das pastilhas. Elas precisam curá-lo. Elas dar-lhe-ão perfeita digestão e o curarão absolutamente da indigestão. Tome-as hoje.

Nesse sentido, a saúde plena do corpo e a da mente seria uma meta para todos os cidadãos, um protótipo a ser seguido e invejado. Inúmeros são os casos de correspondentes das revistas relatando suas experiências com o uso dos medicamentos, bem como ao ensinar receitas caseiras de elixires, de simpatias ou mandingas. Enfim, os leitores, editores, políticos e correspondentes ansiavam pela expansão da saúde e erradicação das doenças que acometiam o corpo social e impediam seu desenvolvimento pleno. Podemos evidenciar casos de diagnósticos de doenças através de missivas: Médiuns invisíveis: para obter diagnósticos de qualquer moléstia, é só dirigir-se à caixa do correio, 1352 (Rio de Janeiro) do centro Humanitário acima, mandando o nome, idade, profissão, residência e um selo de 150 réis para a resposta.¹⁸ A sociedade do período acionava a ciência, magia e espiritismo, para angariar benefícios aos seus integrantes. Observe tal aspecto no fragmento que segue:

Grátis!

Se quiser ser feliz em negócios e amizades, gozar de saúde, viver longo tempo, não perder ao jogo, saber como hipnotizar e magnetizar de perto e à distância; exercer a clarividência, aumentar a memória e o poder da vontade, livrando-se de maus hábitos, conhecer a fundo o espiritismo e a magia: combater e vencer a inveja e a calúnia, livrar-se de más influências estranhas e dominá-las vencendo as dificuldades da vida e alcançando a verdadeira felicidade e paz, peça já o mensageiro da fortuna, de Aristóteles Itália, serve para pessoas adultas e não analfabetas. Pedidos ao mesmo a rua S. José, 6, loja caixa postal 604. Rio. Manda-se

pelo correio grátis, a quem enviar este anúncio ou citar o nome desta revista. Não deixe para amanhã. Mande hoje mesmo.¹⁹

Além desses aspectos referentes à saúde pública, também deve ser salientado, para aquele período, a tentativa de difusão de uma nova concepção de trabalho, dissociada da herança escravista. Sidney Chalhoub salienta que uma nova ética do trabalho necessitava ser cunhada após a abolição da escravidão. A imposição desta nova concepção do trabalho aos libertos e aos pobres, despiu os ofícios de seu caráter desagregador e degradante e, portanto, atribuía-lhe uma nova roupagem, sob o signo de um valor positivo. Desta maneira, tornava-se elemento fundamental para a consolidação da ordem burguesa no Brasil. Esta nova conduta não poderia ser alcançada através da violência e repressão, mas era necessário educar, inculcar no indivíduo qualidades de cidadão consciente de seu papel na sociedade, de seus direitos e deveres.²⁰

Todavia, as elites percebiam o imigrante como ser morigerado, sóbrio laborioso, isto é, cultivador dos valores propagados pelo capitalismo. Deste modo, os trabalhadores nacionais deveriam se basear neste protótipo. A tese do branqueamento tinha como suporte básico a idéia de superioridade da raça branca e postulava que com a miscigenação constante a raça negra desapareceria do país, melhorando assim o povo, eliminando empecilhos para o progresso nacional.²¹

Nesse sentido, os anúncios desses periódicos estão direcionados a um público com novas necessidades e com uma concepção de trabalho que foi alterada significativamente. Portanto, refletem as intensas transformações do início do século XX e as novas demandas dessa sociedade.

3. Em busca do *Chic*: homens trabalhadores e boas mães para construir a nação

Entre os remédios anunciados pela imprensa da jovem República, o Dynamogenol pode ser identificado como o elixir da vida, uma vez que era apresentado como sendo o mais eficaz dos tônicos para o sistema nervoso e muscular, o mais completo acelerador das forças e da nutrição e, também, o tônico dos nervos, dos músculos, do coração, do cérebro. O anúncio propagava que o medicamento era indispensável para indivíduos cujo trabalho produzia fadiga cerebral, como os literatos, jornalistas, padres, professores, empregados públicos, estudantes e guarda-livros. Outro remédio indicado para estes profissionais era a Manteiga fosfatada Simões, que, segundo o anúncio, alimentava, nutria e fortificava.²²

Já a propaganda do Amargo Sulfuroso do Dr. Kaufmanns, propalado o melhor purificador de sangue do mundo, procurava chamar a atenção do leitor com algumas indagações: Por que sofres de tantas doenças crônicas? Queres morrer? Por que continuar com aquele mau hálito tão desagradável? O anúncio garantia que a utilização do referido medicamento produziria a cura plena e restabelecimento de suas funções corpóreas para um desempenho eficaz de suas funções no trabalho.

Os operários que estão confinados na fábrica e nas oficinas, os empregados que não fazem exercícios suficientes e todos aqueles que levam uma vida sedentária devem usar o amargo sulfuroso e não mais serão fracos e doentes. 23. O Aratan tônico nutritivo²⁴ estomacal arsenado e fosfatado era um elixir indígena que prometia recuperar a falta de força decorrentes de anemias, pobreza e impureza de sangue, digestão difícil e velhice precoce. Estas benesses garantidas aos usuários do remédio associavam-se a uma imagem de um operário que sustenta em seus braços mil quilogramas. Outro mal que poderia acometer o trabalhador era o Estômago Sujo :

Por muitas vezes sem sabermos o porquê nós nos sentimos de repente muito incomodados e indispostos, com moleza e grande abatimento geral, com mal estar em todo o corpo e preguiça para fazer qualquer esforço, até dores e peso no estômago, na cabeça e no ventre, enfim sem vontade de trabalhar.²⁵

Para obter as forças para exercer seu ofício era necessário consumir *Ventre Livre* antes do almoço e do jantar para eliminar as matérias podres dos intestinos evitando quaisquer moléstias do estômago e intestino.²⁶ Destarte, os indivíduos precisavam manter um corpo sã para alcançar,

consequentemente, uma mente sã. A fim de galgar esta saudável vida, muito além do que o simples consumo de produtos de boticas, era necessário os indivíduos cultivarem a boa forma corpórea através da prática de atividades físicas. Na Revista Feminina, podemos observar esta preceptiva para uma boa saúde na vida das mulheres. No artigo que discute a higiene e a saúde da mulher, considerava-se a vida feminina essencialmente sedentária, portanto, tal fator degradaria sua forma física impedindo o seu desenvolvimento. No estudo, as mulheres são caracterizadas por possuir um tórax sem expansão normal. Desta maneira, o seu peito ficava franzino e a hematose que é necessária à nutrição dos tecidos processava-se incompletamente.

Os cientistas consideravam o sangue do corpo feminino como insuficientemente oxigenado e mal desembaraçado dos resíduos que contém. Destarte, para depurar o sangue e oxigenar suas células, as mulheres deveriam praticar exercícios físicos, pois o movimento muscular poderia aumentar a sua capacidade torácica. O autor do estudo argumenta que os exercícios deixam a pele viçosa, mais clara, os olhos mais vivos, a estética do corpo melhorada devido ao desenvolvimento do tórax. O principal fundamento da vida cotidiana dos homens nesse período é a prática de exercícios moderados, progressivos e reguladores que provocavam a queima da gordura, fim da obesidade, oxigenação e desenvolvimento dos tecidos.²⁷

Aliás, o estudo desses periódicos esclarece como são específicos e distintos os papéis atribuídos a homens e mulheres: aos primeiros cabe construir a pátria através de seu trabalho, enquanto elas são responsáveis pela formação dos cidadãos e senhoras de seus lares. Assim, delimitavam-se os espaços e convivências entre homens e mulheres para uma perfeita harmonia social, o que nos permite evidenciar as relações entre e intra os gêneros. Nosso entendimento da categoria de gênero vai ao encontro do que afirma Joana Maria Pedro, no qual:

O uso da categoria de análise gênero na narrativa histórica passou a permitir que as pesquisadoras e os pesquisadores focalizassem as relações entre homens e mulheres, mas também as relações entre homens e entre mulheres, analisando como, em diferentes momentos do passado, as tensões, os acontecimentos foram produtores do gênero.²⁸

Ou seja, interessa-nos, com o uso desta categoria, compreender as *diferenças* tanto entre homens e mulheres quanto entre os homens e as mulheres, uma vez que não se pode considerá-los como grupos homogêneos e coesos. Além disso, o presente trabalho pretende ir à direção já apontada por uma historiografia mais recente, que tem avançado no que diz respeito à dicotomia entre abordagens que ora enxergam a mulher somente como vítima, ora distinguem apenas suas conquistas. Trata-se de uma tentativa de mesclar aspectos do controle social exercido sobre essas mulheres, além de mostrar os espaços em que elas conseguiam se inserir, a fim de abarcar as diversas dimensões de sua experiência histórica.²⁹

Nos periódicos, as mulheres são apresentadas sob o signo do consumo, beleza e restringe-se sua atuação ao espaço doméstico. Quando destoantes desta preceptiva as mulheres são apresentadas como um anti-exemplo para a sociedade. A mulher deveria verter-se nas sendas que a tornariam boa mãe, cultivando a cultura, recato, expandindo civilidades e toda a sorte de virtudes. As mulheres foram as principais difusoras do *modus vivendi Chic*, importado da França e que visava instaurar a civilidade e bons costumes nos trópicos.

Enrique Gomez Carrillo, ao escrever um artigo para a *Revista Elegâncias*, no ano de 1914, observou a essência das culturas civilizadas dominadas pela doença do *Chic*. Para a análise deste fenômeno, Carrillo emprega os argumentos de um pastor protestante inglês, o Reverendo Northmann, que assinala a assimilação do modelo parisiense padronizando comportamentos sociais. Para o Reverendo, esta maneira de agir, fazer e pensar proporcionava uma transformação lamentável na vida inglesa e arruinava as famílias.³⁰ O autor deste artigo explica a expressão *chic*:

Para definir essa palavra seria preciso reunir em um ramallete todos os adjetivos elegantes, graciosos, doces, espirituais, espontâneos, floridos, ternos, bondosos, e retirar de todos eles sua essência. Porém, ainda não vejo assim que falta qualquer coisa à minha receita para

produzir o que esta sílaba *chic*, indica.³¹

Na dificuldade de definir esta palavra, considerada pelo autor um resumo de toda a ideal alma de um povo, compara-se o estilo francês com os de outras nações. O *chic* seria o ideal de todo o francês e toda a francesa, não sendo um vocábulo restrito aos modistas, como se empregava nos países que o importavam. Para o resto do mundo, o *chic* não passa[va] da vestimenta, elegância exterior da graça, superficial. A cultura e civilização francesa eram compreendidas como responsáveis para a regeneração dos costumes e configuração dos modelos nacionais. O comentarista narra que os estrangeiros ao visitarem Paris, possuíam como uma única preocupação, em 75% dos casos, a compra de cousas *Chics*. Consoante aos argumentos de Northmann, uma das doenças mais graves de que hoje está atacada a Inglaterra e, nós acrescentamos, o mundo civilizado: é a doença do Luxo. Segundo Enrique G. Carrillo, o *chic* era empregado nas situações de admiração, exclamação, presença de um ato belo, generoso ou heróico; associava-se ou confundia-se com a elegância e graça de uma mulher. Em todas as nações que almejavam a civilização, difundia-se a exclamação *C est très chic!*.³²

Na capa do *Suplemento Prático Elegâncias*, juntamente com a publicação das principais tendências da moda do último mês, constava a crítica de um leitor inconformado com a difusão do *Chic* que invadira o mundo feminino. Considerava o correspondente impossível tomar a sério as senhoras por culpa dos seus inverossímeis e fantásticos vestuários. O aspecto risível das vestimentas não se pautava apenas no exotismo das peças, geralmente alegóricas, mas no pagamento do chapeleiro, da modista, do sapateiro e do armazém de roupa branca. A *toilette* feminina na sociedade em questão era coisa para ser tomada muito a sério; para a desgraça de maridos e irmãos que desembolsavam milhares de francos por ano para vestir decentemente suas senhoras. E ressaltou que:

Com efeito, em nove casos sobre dez, as damas vestem-se d um modo que é precisamente o contrário do que deve ser lógico, dadas a circunstâncias. Ao sair de casa deve pedir a Deus para que não chova porque os trajes d ópera-cômica que a moda lhes impõem não são feitos para arrostar com as inclemências do tempo. Se vão ao *coursing* deve-se resguardar do frio porque os vestidos muito decotados e a saia muito aberta não as pertencem mais do que uma simples camisa de baptista debaixo do vistoso como inútil abrigo de peles. E continuando essa série de paradoxos é ver as nossas delicadas companheiras com gorros de peles em pleno inverno. Recordai depois as extravagâncias das suas silhuetas influídas pela orientação do momento, hoje adotando a saia balão, amanhã a moda do ventre e no outro dia suprimindo as ancas, para mais tarde impor o uso dos postiços e digam-me em resumo se... tudo isso por caro e faustoso que seja, se pode tomar verdadeiramente a sério.³³

Para o leitor das *Elegâncias*, o principal aspecto das fricções entre homens e mulheres era que os primeiros às consideravam embebidas em caprichos e futilidades, portanto, não sendo levadas a sério. Argumenta o correspondente que este é o motivo que desencadeia o incômodo em uma dama, pois por muito sugestiva que tal conversação possa ser esta não seria ouvida, uma vez que seu interlocutor estaria estarecido com aquela pintura extravagante com raros atavios. Explanava acerca da incoerência entre as vestes e comportamentos:

Imaginem uma dama discorrendo acerca d um capítulo de filosofia, enquanto que ao redor do seu corpo esvoaçam, como aves prisioneiras, doze ou quatorze folhos de gase...Imaginem uma dama enlutada n um cemitério, enquanto que sobre a sua cabeça o balanço estranho d uma palmeira em miniatura.... Ríeis, por profunda que seja a filosofia, ou por sincero que seja o luto e a dama jamais nos perdoará... Por quê? Será por acaso nossa culpa?³⁴

Para a sociedade e seus periódicos, as mulheres, com a adoção dos modelos de luzimento das nações civilizadas, afastaram-se dos ditames propostos de boa mãe e administradora dos domicílios, e se emaranhavam em adereços, acessórios e decotes, que pervertiam seu papel social. A mulher deveria

ser companheira do homem laborioso e ajudá-lo no trabalho e construção da nação. A Igreja Católica procurava enfatizar o decoro na composição dos figurinos femininos. Em artigo publicado na *Revista da Semana* de 1922, empregou-se o argumento do Papa Pio XI, para instaurar e difundir um protótipo considerado ideal para as senhoras perante as aberrações e inconveniências da moda atual. O Eclesiástico convocava as mulheres a se conduzir com graça, com sagacidade e com bom senso; a fim de promover uma reforma de hábitos levemente espalhados e aceitos. Destarte, argumentava o corpo editorial com base nas palavras da Igreja que a elegância não somente é permitida, mas necessária, para revestir a virtude da beleza exterior e para a tornar mais agradável, mais atraente, mais facilmente vitoriosa.³⁵

Com base nos argumentos dos periódicos anteriormente citados, observamos que os autores reconhecem os espaços conquistados pelas mulheres, mas argumentam que estas deveriam se equilibrar entre os antigos padrões femininos e os transcorridos pelo advento da modernidade.

Não se poderia desejar que a moça de hoje fosse exatamente como a de vinte anos atrás: ela devia evoluir; procurando o termo médio entre esses dois absurdos, que representam o passado e presente, para vir a ser o que ela deve ser, pois a virtude não é incompatível com a graça e a sedução.³⁶

Desta forma, as mulheres deveriam moldar suas práticas e representações sociais consoante a reestruturação de suas trajetórias e vivências que se modernizavam, tomavam ares europeus. Entretanto, tal transformação não deveria romper com as virtudes ou padrões desenvolvidos pelas mulheres do passado.

3. Considerações Finais

Em suma, a adaptação de modelos políticos, sociais e culturais europeus, principalmente franceses, promoveu um redesenho da sociedade brasileira no início do século XX, ou seja, de seus espaços e agentes, o que pode ser percebido nos periódicos de tal época. Almejava-se construir um homem laborioso e uma mulher virtuosa, responsável por parir e educar os cidadãos. Através destas definições, construiu-se uma identidade nacional pautada no *chic* em um referencial francês de civilização e modernidade que moldou não somente as transformações econômicas e políticas, mas também as vivências dos homens e mulheres deste período.

Diante disso, pode-se perceber que as publicações daquele período tinham um papel importante na disseminação de valores e atitudes que condiziam com o que passava, então, a ser considerado como padrão de modernidade. Neste sentido, textos e propagandas são essenciais para a discussão de temáticas importantes para o conjunto social, de maneira a difundir a urgência de inserir o país entre as nações civilizadas e consolidar a nova ordem republicana. Desta maneira, propagar as diferenças entre homens e mulheres e a necessidade de que ambos cumprissem devidamente seus papéis pelo bem da nação tornou-se imprescindível para a perfeita harmonia social e a estabilização da República.

BIBLIOGRAFIA

- BAUMAN, Zygmunt. *Modernidade e ambivalência*. Trad. Marcus Penchel. Rio de Janeiro: Jorge Zahar ed., 1999.
- BENCHIMOL, Jaime. Reforma Urbana e Revolta da Vacina na Cidade do Rio de Janeiro. In: FERREIRA, Jorge & DELGADO, Lucília de Almeida Neves. *O Tempo do Liberalismo Excludente: Da Proclamação da República à Revolução de 1930*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003, p. 237-240. (O Brasil Republicano, v. 1).
- CARVALHO, José Murilo de. *A formação das almas: o imaginário da República no Brasil*. São Paulo: Companhia das letras, 1990.
- CHALHOUB, Sidney. *Trabalho, Lar e Botequim*. O cotidiano dos trabalhadores no Rio de Janeiro da Belle Époque. Campinas: Editora da Unicamp, 2001.

- FOUCAULT, Michel. **Em defesa da sociedade**: Curso Collège de France (1975-1976). Tradução de Maria Eramantina Galvão. São Paulo: Martins Fontes, 1999.
- LENHARO, Alcir. **Sacralização da Política**. São Paulo: Papyrus, 1986.
- NASCIMENTO, Maria Ercília do. Linguagem literária e o Rio de Janeiro fin-de-siècle: Trajetos da cidade, trajetos da exclusão. In: <http://www.desafio.ufba.br/gt4-005.html>. Acesso em 04 de setembro de 2006.
- NEVES, Margarida de Souza. Os cenários da República: O Brasil na virada do século XIX para o século XX. In: FERREIRA, Jorge & DELGADO, Lucília de Almeida Neves. **O Tempo do Liberalismo Excludente**: Da Proclamação da República à Revolução de 1930. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003, p. 237-240. (O Brasil Republicano, v. 1).
- PEDRO, Joana Maria. Traduzindo o debate: o uso da categoria gênero na pesquisa histórica. **História**. Franca, v.24, n.1, 2005. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttest&pid=S0101-9074200500100004&ng=pt&nrm=isso. Acesso em: 30 Out 2006. doi: 10.159/S0101-9074200500100004
- SEVCENKO, Nicolau. Introdução. In: SEVCENKO, Nicolau (org.). **História da Vida Privada no Brasil - República**: da Belle Époque à era do rádio. vol.:3. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.
- SOHIET, Rachel. História das Mulheres. In: CARDOSO, Ciro Flamarion & VAINFAS, Ronaldo (orgs.). **Domínios da História**: ensaios de teoria e metodologia. Rio de Janeiro: Campus, 1997.

NOTAS

- ¹ Há uma extensa produção bibliográfica relativa às origens e implantação do regime republicano no Brasil. Abstemo-nos, aqui, de elencar toda esta produção, visto não ser nosso objetivo proceder a uma análise exaustiva das interpretações existentes. A título de exemplo, veja-se os trabalhos de SEVCENKO, Nicolau. **Orfeu Extático na Metrópole**: São Paulo nos frementes anos 20. 4. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1992. v. 01; CARVALHO, José Murilo de. **Os bestializados**: o Rio de Janeiro e a República que não foi. São Paulo: Companhia das Letras, 1987; CASTRO, Celso. **Os militares e a República**: um estudo sobre cultura e ação política. Rio de Janeiro, Zahar, 1995.
- ² SEVCENKO, Nicolau. Introdução. In: SEVCENKO, Nicolau (org.). **História da Vida Privada no Brasil - República**: da Belle Époque à era do rádio. vol.:3. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.p. 7.
- ³ CARVALHO, José Murilo de. As proclamações da República. In: **A formação das almas**: o imaginário da República no Brasil. São Paulo: Companhia das letras, 1990.
- ⁴ NASCIMENTO, Maria Ercília do. Linguagem literária e o Rio de Janeiro fin-de-siècle: Trajetos da cidade, trajetos da exclusão. Disponível em: <http://www.desafio.ufba.br/gt4-005.html>. Acesso em 04 de setembro de 2006.
- ⁵ *Ibidem*.
- ⁶ Cf. BENCHIMOL, Jaime. Reforma Urbana e Revolta da Vacina na Cidade do Rio de Janeiro. In: FERREIRA, Jorge & DELGADO, Lucília de Almeida Neves. **O Tempo do Liberalismo Excludente**: Da Proclamação da República à Revolução de 1930. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003, p. 237-240. (O Brasil Republicano, v. 1)
- ⁷ *Ibidem*, p.261-262.
- ⁸ Cf. NEVES, Margarida de Souza. Os cenários da República: O Brasil na virada do século XIX para o século XX. In: FERREIRA, Jorge & DELGADO, Lucília de Almeida Neves. *Op.cit.*, p. 15-17.
- ⁹ NASCIMENTO, Maria Ercília do. *Op.cit.*
- ¹⁰ BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade e ambivalência**. Trad. Marcus Penchel. Rio de Janeiro: Jorge Zahar ed., 1999, p.29.
- ¹¹ *Ibidem*, p. 32-33.
- ¹² BAUMAN, Zygmunt. *Op.cit.*, p 52.
- ¹³ FOUCAULT, Michel. **Em defesa da sociedade**: Curso Collège de France (1975-1976). Tradução de Maria Eramantina Galvão. São Paulo: Martins Fontes, 1999, p.302.
- ¹⁴ **Revista O Malho**. Rio de Janeiro. 22 de outubro de 1921, ano XX, nº 997.
- ¹⁵ **Revista O Malho**. Rio de Janeiro. 22 de outubro de 1921, ano XX, nº 997.
- ¹⁶ **Revista O Malho**. Rio de Janeiro. 25 de novembro de 1922anoXXI, nº1054.
- ¹⁷ **Revista O Malho**. Rio de Janeiro. 22 de outubro de 1921, ano XX, nº 997.
- ¹⁸ **Revista O Malho**. Rio de Janeiro. 22 de outubro de 1921, ano XX, nº 997.
- ¹⁹ *Ibidem*.
- ²⁰ CHALHOUB, Sidney. **Trabalho, Lar e Botequim**. O cotidiano dos trabalhadores no Rio de Janeiro da Belle Époque. Campinas: Editora da Unicamp, 2001, p. 59, 65, 70, 74.
- ²¹ *Ibidem*, p. 75, 88.
- ²² **Revista O Malho**. Rio de Janeiro. 25 de novembro de 1922, AnoXXI, nº.1054.
- ²³ **Revista O Malho**. Rio de Janeiro: 22 de outubro de 1921, ano XX, nº 997.
- ²⁴ *Ibidem*.
- ²⁵ *Ibidem*.
- ²⁶ *Ibidem*.
- ²⁷ Preceitos de higiene: A cultura Física da Mulher. **Revista Feminina**. Ano XXIII. Rio de Janeiro, 25 novembro de 1922, nº 48.

²⁸ PEDRO, Joana Maria. Traduzindo o debate: o uso da categoria gênero na pesquisa histórica . **História**. Franca, v.24, n.1, 2005. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttest&pid=S0101-9074200500100004&ng=pt&nrm=isso. Acesso em: 30 Out 2006. doi: 10.159/S0101-9074200500100004

²⁹ SOHIET, Rachel. História das Mulheres . In: CARDOSO, Ciro Flamarion & VAINFAS, Ronaldo (orgs.). **Domínios da História: ensaios de teoria e metodologia**. Rio de Janeiro: Campus, 1997, p.278.

³⁰ A doença do *chic* . **Revista Elegâncias**. Paris, ano II, abril de 1914, vol. III, nº 16,,p.326.

³¹ *Ibidem*. p.327.

³² *Ibidem*.p.326.

³³ Um crítico opina que... **Elegâncias Suplemento Prático**. Paris, abril de 1914, suplemento nº09, correspondente a Elegâncias nº16.s/p.

³⁴ *Ibidem*.

³⁵ **Revista da Semana**. Anno XXIII. Rio de Janeiro, 09 de setembro de 1922, nº37.

³⁶ *Ibidem*.